



A sala de aula como espaço de encontro: ética e amizade na prática pedagógica

POR ALONSO BEZERRA DE CARVALHO
Y FABIOLA COLOMBANI

alonsoprofessor@yahoo.com.br

fabicolombani@hotmail.com

O tema das paixões, sobretudo quando o retomamos a partir da filosofia clássica, pode colaborar na discussão educacional, tornando-se uma dimensão importante para se compreender os humanos, de forma a contribuir para repensarmos as práticas pedagógicas predominantes, na maioria das vezes baseadas em parâmetros exclusivamente racionais. Nessa perspectiva, as repercussões dentro de uma sala de aula podem ser catastróficas quando privilegiamos apenas a dimensão racional-epistemológica, tomando ou tendo a expectativa de que o aluno, por exemplo, é dotado apenas de uma capacidade de olhar e sentir o mundo a partir de uma postura hierárquica e “verticalizante”, isto é, como um sujeito que é capaz de conhecer e dominar as coisas conceitualmente.

Considerar e valorizar o mundo das paixões, ou melhor dizendo, o outro lado de nós mesmos, pode ser uma alternativa para assegurarmos uma formação mais completa e mais aberta do ser humano. Para tanto, este trabalho será dedicado a uma reflexão sobre essa questão, na expectativa de poder atualizar ou trazer para o cotidiano da prática pedagógica uma temática que pode nos ajudar a, pelo menos, contrabalançar e colocar em suspeita as atitudes tal como ela são realizadas em uma sala de aula.

O desafio que se coloca na atualidade no campo da educação se concentra em uma busca permanente de saídas para questões que tocam diretamente o espaço da sala de aula. Indagamo-nos se a maneira em que são experimentadas as práticas pedagógicas contemporâneas responde ou diz alguma coisa aos alunos e professores, de forma que proporcione um ir além dos aspectos cognitivos e epistemológicos que nela predomina.



Para ir além dos pressupostos cognitivos e epistemológicos na educação, é preciso que consideremos o campo ético como uma dimensão importante, de forma a trazer para a discussão filosófico-educacional uma perspectiva diferente, que se não é nova, todavia pode favorecer posturas e rumos alternativos quanto aos dilemas e dramas que reinam no ambiente escolar. A ética, como uma das dimensões humanas, nos exorta a refletir e a examinar as crenças, os desejos, os valores, os sentimentos que constituem a existência de cada um de nós, indicando o nosso caráter plural, que se manifesta nas nossas formas de agir, sentir, falar e pensar. Isto quer dizer que, quando nos referimos a um indivíduo, aquém da pretensão de reduzi-lo a uma unidade e a uma identidade para todo o sempre, falamos de uma vida que a todo momento é atravessada por modos de existir que não se reduzem ou não podem ser compreendidos a partir de uma única configuração. Retomando Heráclito, o homem que se banha no rio hoje não será o mesmo que experimenta as águas de amanhã, que também se transformaram. A natureza humana, isto é, as características que nos distinguem de outros seres vivos, pode ser vista como marcada por ações, ideias, anseios e gostos que se modificam, contradizem-se, unificam-se e são ultrapassados, indicando o nosso caráter finito, porém incompleto e em plena mudança.

Parto da perspectiva de que há outro de nós em nós mesmos, que nos impele, que nos impulsiona, mas também um Outro fora de nós, que nos interpela a reconhecê-lo e a respeitá-lo, visto que convive socialmente comigo. Convivência, alteridade, respeito são experiências e práticas que pertencem ao campo da ética e que nos auxiliam a experimentar novas formas de relacionamento, de pensar e de agir. Neste sentido, a amizade pode ser tomada como uma prática e um estilo de existir que, se adotada e vivida por alunos e professores, faria da sala de aula um espaço aberto a relações intersubjetivas renovadas.

***Philia* - a experiência da amizade**

Antes de nos debruçar sobre a sala de aula como um lugar para a realização de encontros, ou melhor, como um espaço ético por excelência, dedicar-me-ei ao tema da amizade como discurso filosófico, de forma a contribuir para pensarmos questões



educacionais. O que é a amizade – *philia* - como discurso filosófico? De início, voltemos às origens, aos clássicos. O termo grego *philia* significa:

amizade, viva afeição, amor (sem ideia de sensualidade), sentimento de reciprocidade entre os iguais. O verbo *philéo* significa: sentir amizade por alguém, amar com amizade, tratar como amigo, ajudar, auxiliar, amar de coração, dar sinais de amizade, acolher com prazer; procurar, buscar, perseguir para encontrar; agradar-se com, ter agrado em; estar quite com, relacionar-se de igual para igual. (CHAUÍ, 2002, p. 509).

Quando se lança um simples olhar sobre a produção literária dos filósofos da Antiguidade, é possível verificar que há um número expressivo e importante de textos que tratam da amizade. Platão foi um desses pensadores que dedicou a este tema dois diálogos: *Lísias*, que tem como subtítulo Sobre a amizade, e *O Banquete* que, embora trate do *eros*, ao final do diálogo se confunde em grande parte com a *philia*. Além disso, a questão da amizade é também abordada em passagens-chaves de *A República* e *as Leis*. Quanto a Aristóteles, sabemos que a amizade é a única virtude à qual ele dedica dois livros inteiros – o VIII e o IX da *Ética a Nicômaco*. Não podemos esquecer-nos *Da amizade* de Cícero e os três tratados de Plutarco intitulados respectivamente *Como distinguir um adúlador de um amigo*, *Da pluralidade dos amigos* e *Do amor fraternal*. Infelizmente não temos conservado *Da amizade* de Sêneca, mas somente uma parte de suas *Cartas a Lucílio*, nas quais são retomadas questões sobre a amizade.

Outros pensadores também se dedicaram ao tema. Entre eles: Epicuro, Montaigne, Kant, Nietzsche, Adorno e Foucault. Para os propósitos deste trabalho, apresentaremos a proposta aristotélica.

Amizade em Aristóteles: da paixão à virtude

A amizade foi, ao longo da história, abordada das mais diversas formas: tratados, fragmentos filosóficos, máximas, poemas, romances, correspondências. Evocada e experimentada pelos homens desde os relatos homéricos e bíblicos, pensamos que é em Aristóteles, especialmente nos livros VIII e IX da *Ética a Nicômaco* (1987), que ela aparece de maneira organizada e definida.



Tomada como uma paixão, tal como a alegria, o ódio, a inveja, a compaixão, etc, a amizade movimenta e constitui o homem e a cidade (*polis*). A sua função política significa que a cidade não tem uma vida solitária, isolada, mas se localiza em uma região e, por isso, deve estar aberta à convivência com outras cidades. Segundo ele, mesmo que a guerra esteja no horizonte dessas convivências, a amizade ainda é o maior dos bens que elas podem construir, no sentido de evitar ao máximo a discórdia.

A amizade também parece manter unidos os Estados, e dir-se-ia que os legisladores têm mais amor à amizade do que à justiça, pois aquilo a que visam acima de tudo é à unanimidade, que tem pontos de semelhança com a amizade; e repelem o facciosismo como se fosse o seu maior inimigo. E quando os homens são amigos não necessitam de justiça, ao passo que os justos necessitam também da amizade; e considera-se que a mais genuína forma de justiça é uma espécie de amizade. (ARISTÓTELES, 1987, p. 139).

A unidade da cidade é obra da amizade, isto é, uma cidade é a comunidade da vida feliz, perfeita e autárquica e as relações que permitem essa vida em comum – a justiça - são obras da amizade, pois ela é a escolha refletida de viver bem e bem conviver. Portanto, fonte de felicidade para cada indivíduo e elemento de concórdia para a cidade, a amizade deve ser entendida como uma questão ética e também política.

A política, diz Aristóteles, orienta a ética, pois o homem só é verdadeiramente autárquico na *polis*; é aquela ciência prática cujo fim é o bem propriamente humano e esse fim é o bem comum. Na *polis*, a amizade significa a repartição da vida em comum com os outros (solidariedade), de tal maneira que faz parte da felicidade o prazer da companhia. A amizade é, pois, uma condição essencial para a realização da felicidade. Sem ela, o homem carece de algo necessário para a sua realização na convivência humana. Nessa perspectiva, ela diz respeito a qualquer atração recíproca de sociabilidade entre seres humanos que têm afeição uns com os outros e manifestam a consciência desse sentimento. Ela inclui todas as formas de atração que um ser humano pode ter em relação a outro (camaradas, amante e amado, marido e esposa, filho e filha, pai e mãe, concidadãos, etc). Nessa reciprocidade, os amigos se reconhecem como pessoas que têm sentimentos mútuos, tornando a amizade uma virtude ético-política que vincula relações de solidariedade no âmbito da comunidade.



Mediante essa virtude, os cidadãos se espelham entre si, constituindo um vínculo comunitário que os unifica no espaço público da *polis*. Juntos, os homens formam uma unidade orgânica completa, perfeita e autossuficiente, perfazendo o bem ético da felicidade de cada um, impossível sem a integração do indivíduo na totalidade da comunidade política. (RAMOS, 2011, p. 44-45).

Além de sua dimensão e importância para a realização da vida política, a amizade está contemplada na filosofia aristotélica como uma das principais virtudes, ou seja, “ela é uma virtude ou implica virtude, sendo, além disso, sumamente necessária à vida. Porque sem amigos ninguém escolheria viver, ainda que possuísse todos os outros bens.” (ARISTÓTELES, 1987, p. 139). A amizade pressupõe, portanto, que cada amigo deseje a mesma coisa com sua alma inteira, isto é, fazer desinteressadamente o bem ao amigo, desejar-lhe longa vida, desejar viver em sua companhia, compartilhar as mesmas ideias, opiniões e gostos, compartilhando alegrias e tristezas. Amizade tem a ver com o mundo dos desejos – desejar ao outro o que deseja para si próprio.

Na perspectiva aristotélica, mais que um desejo, a amizade é uma paixão, ou seja, uma tendência implantada na natureza humana e um movimento da alma que está inscrito em nosso aparelho psíquico e que não podemos deixar de sentir e experimentar. É por meio dessa paixão que é produzido em nós o desejo de viver juntos, tornando-se uma virtude.

A amizade como virtude brotaria em uma situação bem concreta e seria despertada em nós por meio de um sentimento de apreço por alguém em razão da possibilidade de que ele nos oferece de nos dar prazer. Ante essa expectativa, aproximamo-nos dele, conversamos, trocamos ideias, compartilhamos pontos de vista e estabelecemos laços afetivos, sem ser condescendentes.

Nobre e bela, a amizade deve, então, ser louvada como o caminho mais vantajoso que nos leva à “excelência moral”, à *areté* – a virtude. Mesmo que tenhamos todos os bens, toda a riqueza e todo o poder, ou que vivamos na pobreza ou em qualquer outro tipo de infortúnio, não poderíamos passar sem a amizade. Os jovens teriam nela uma forma de evitar os erros da inexperiência; os velhos uma forma de socorro às enfermidades da idade e àqueles que estão na força da idade, ela inspira as belas condutas. A amizade,



como um exercício, é uma caminhada que dois seres fazem juntos, em que a ternura, a afeição e a simpatia são suas formas de manifestação. As condições para essa experiência estão na nossa capacidade de estimar e bem querer o outro, ou seja, em um processo de benevolência partilhada, mútua.

Desejar o bem do outro, ser benevolente, é uma atitude que, portanto, não deve ser ignorada pelos homens, pois ela conduz ao relacionamento com as pessoas, ao estabelecimento de uma reciprocidade dos sentimentos e à manifestação ativa dessa reciprocidade. Segundo Aristóteles, podemos falar em três espécies de amizade, diferenciando-as somente pelo fim visado: aquela dirigida ao bem, ao agradável e ao útil.

A amizade fundada na utilidade considera apenas o benefício ou o proveito que pode ser tirado, isto é, a afeição pelo outro está nas vantagens que são esperadas, tendo em vista o interesse próprio, o que denota não uma reciprocidade, mas um amor a si próprio. A amizade agradável, por seu lado, está inspirada no prazer que o outro proporciona, tendo em vista apenas o deleite pessoal. “Essas amizades são apenas acidentais, pois a pessoa amada não é amada por ser o homem que é, mas porque proporciona algum bem ou prazer. Eis porque tais amizades se dissolvem facilmente, se as partes não permanecem iguais a si mesmas: com efeito, se uma das partes cessa de ser agradável ou útil, a outra deixa de amá-la.” (ARISTÓTELES, 1987, p. 141). Ambas as amizades são passageiras e acontecem, sobretudo, entre as pessoas idosas (que procuram a utilidade) e entre os jovens (que procuram o prazer). Por outro lado, a amizade que visa o bem é perfeita e virtuosa, devendo ser a preferida de todos.

A amizade perfeita é a dos homens que são bons e afins na virtude, pois esses desejam igualmente bem um ao outro enquanto bons, e são bons em si mesmos. Ora, os que desejam bem aos seus amigos por eles mesmos são os mais verdadeiramente amigos, porque o fazem em razão da sua própria natureza e não acidentalmente. Por isso sua amizade dura enquanto são bons — e a bondade é uma coisa muito durável. E cada um é bom em si mesmo e para o seu amigo, pois os bons são bons em absoluto e úteis um ao outro. E da mesma forma são agradáveis, porquanto os bons o são tanto em si mesmos como um para o outro, visto que a cada um agradam as suas próprias atividades e outras que lhes sejam semelhantes, e as ações dos bons são as mesmas ou semelhantes. (ARISTÓTELES, 1987, p. 141-142)



Portanto, a amizade virtuosa inclui e vai além de uma amizade útil e agradável e se diferencia do amor entre o amante e o ser amado, os quais, muitas vezes, são seduzidos e conduzidos por coisas mutáveis, passivas e motivadas pela satisfação pessoal, como alguma coisa de excessivo, endereçando-se, assim, a um único ser¹.

A vida em comum é a característica mais relevante da amizade perfeita, pois aqueles que estão em estado de fraqueza ou indigência têm a necessidade de ajuda e aqueles que são ricos gostam de se sentirem rodeados de pessoas, visto que a solidão é algo que incomoda e aflige. Como disposição duradoura, gostar de seu amigo é gostar do que é bom por si mesmo, o que pressupõe, portanto, uma igualdade, uma partilha da existência.

A amizade perfeita, sentimento reservado aos homens virtuosos, pressupõe o altruísmo como característica básica, que se deriva das relações do indivíduo consigo mesmo: desejar o bem de si mesmo é condição para o bem do outro. “O amigo é um outro ‘eu’.” (ARISTÓTELES, 1987, p. 164). Para tanto, um dos requisitos essenciais é agir com prudência e justiça, e isto não apenas como um fim que está posto no futuro, mas uma condição mesma para nos tornamos prudentes e justos, pois os homens perversos, viciosos, imprudentes, indolentes são marcados por inclinações egoístas, o que os torna incapazes de amizade e até de gostarem de si mesmos.

Nos capítulos finais do Livro IX, Aristóteles sintetiza o que considera como fundamental para a experiência da amizade. A amizade (*philia*) é um sentimento que o homem, como animal político, deve cuidar; um exercício útil e agradável que, fundado na virtude, conduz-nos à felicidade. A abertura ao outro é a condição plena para uma vida feliz: o amigo sendo um outro “eu” nos proporciona uma satisfação completa. O homem feliz necessita, portanto, de amigos, pois seria absurdo possuir todos os bens e gozá-los solitariamente, sobretudo porque estamos destinados a viver em sociedade. Dessa

¹ “O amor é visto por Aristóteles como um elemento perturbador da harmonia da alma, ridículo no seu desejo de reciprocidade, ocupando o amante com a satisfação das partes mais baixas de sua alma, e distraíndo a atenção das faculdades superiores, que encontram sua expressão na amizade como obra-prima da razão [...] Com outras palavras, Eros é uma paixão e *philia* um *ethos*.” (ORTEGA, 2002, p. 37). Isto é, a amizade como *pathos* se plenifica como *areté* (virtude).



forma, a felicidade é o resultado desse exercício de contemplação das condutas virtuosas dos nossos amigos: o homem virtuoso se sentirá alegre e feliz quando conviver com as belas ações e se afligirá com aquelas que são inspiradas no vício. Em uma palavra, amizade e felicidade são experiências que estão ligadas.

Diferentemente dos animais, que são constituídos somente pela faculdade de sentir, o homem dispõe de algo mais: o pensamento. Sentir e pensar formam a essência da vida humana, revelando não apenas a nossa potência do agir, mas as nossas ações. Sentir e pensar representam a consciência de uma vida boa, agradável e virtuosa: é a alegria do existir. Existir com amigos é conviver, trocar palavras e pensamentos, é partilhar sentimentos. “Pois isso é o que o convívio parece significar no caso do homem, e não, como o gado, o pastar juntos no mesmo lugar.” (ARISTÓTELES, 1987, p. 172).

Mas como definir o número de amigos? É bom ter muitos ou poucos? Mais uma vez, Aristóteles retoma a ideia de prudência (*phronesis*). Como a intimidade é uma característica essencial da amizade, um bom número de amigos se define na justa medida em que podemos ter com eles uma vida comum, o suficiente para partilharmos os prazeres e os tormentos: querer agradar a todos é finalmente não ser amigo de ninguém, a não ser em uma amizade política, pois as amizades entre os concidadãos comportam um grande número de pessoas.

Portanto, o principal para se ter a experiência da amizade está em compartilhar uma vida. A amizade, como virtude, ou melhor, tendo em vista a vida feliz e virtuosa, é o meio para compartilhar a prosperidade e suportar as adversidades. A presença de amigos é preciosa, seja na alegria, seja na tristeza, tornando as dores leves e toleráveis.

A amizade é uma comunidade, em que os sentimentos que temos por nós mesmos, temos por um amigo. Como desejamos a nossa própria existência, desejamos a de um amigo e a consciência de sua existência se atualiza concretamente graças a essa vida em comum. (ARISTÓTELES, 1988, p. 79-80).

Enfim, viver na companhia dos amigos nos faz crescer, corrigir-nos mutuamente e nos tornarmos modelos uns para os outros. “A amizade entre os bons, e só ela, também invulnerável à calúnia, pois não damos ouvidos facilmente às palavras de qualquer um



a respeito de um homem que durante muito tempo submetemos à prova.”
(ARISTÓTELES, 1987, p. 143).

A sala de aula como espaço de encontro e de amizade

Do ponto de vista educativo, a sala é o espaço onde ocorre a aula, isto é, as lições que cada dia os professores dão aos seus alunos. Inserida na escola, seu núcleo e elemento insubstituível, a sala de aula seria um espaço limitado e limitador, hermético, fechado em um cômodo que foi construído ou adaptado para tal fim.

A história da sala de aula passou por vários movimentos até chegar ao modelo que conhecemos hoje. No entanto, com a necessidade de implantação de novos métodos pedagógicos para se organizar o ensino por grupos escolares diferenciados entre si, às vezes por idade e outras por seus resultados de aprendizagem, a sala de aula foi se modificando. Ela passou a ter muitos elementos.

Não apenas os docentes e os alunos, mas também mobiliário, instrumentos didáticos, as questões da arquitetura escolar, tudo faz parte da sala de aula. Os bancos escolares, as lousas e os cadernos têm uma história e uma especificidade pouco conhecidas até hoje. Além desse aspecto material, a sala de aula implica também uma *estrutura de comunicação entre sujeitos*. Está definida tanto pela arquitetura e pelo mobiliário escolar como pelas relações de autoridade, comunicação e hierarquia que aparecem na sala de aula tal como a conhecemos, e que são tão básicas no momento de ensinar que muitas vezes passam despercebidas. (DUSSEL, 2003, p.36-37. Grifo nosso).

Portanto, na sala de aula habitam pessoas e indivíduos que agem a partir de convicções e valores que foram ou estão se formando ao longo de suas vidas. Uma aula, por exemplo, não se reduz apenas a objetivos instrucionais e à assimilação consciente de conteúdos por parte do aluno, mas se refere também a aspectos afetivos, sócio-culturais e comunicacionais que vinculam os personagens e sujeitos ali existentes.

Ao aceitarmos a aula como um conjunto de meios e condições, não podemos deixar de levar em conta que tais condições incluem aquelas ligadas aos aspectos sócio-afetivos dos alunos e professores para que a aula aconteça de forma a atingir seu propósito. (ROBSON, 2011, p. 81).

É nessa perspectiva que podemos considerar a sala de aula um local de encontro. Embora seja um espaço historicamente institucionalizado, a sala de aula pode ser um



lugar para transgredirmos e edificarmos maneiras renovadas de nos relacionar. Para além dos conteúdos que aí circulam, é possível, e até mesmo necessário, que a comunidade escolar, sobretudo professores e alunos, crie e invente ocasiões para experimentar novos diálogos e novas relações. A sala de aula seria um espaço revolucionário, plural, de liberdade, de descoberta de si mesmo e de conversações com o mundo e com os outros.

Como seres inacabados que somos, o desafio que é posto para aqueles que querem intensamente fazer de sua existência um momento artístico e de criatividade é se abrir ao outro. Não para anulá-lo e nem submetê-lo a desejos, ordens e regras, porém para nos fazer mais humanos e sensíveis, compartilhando dores e sofrimentos, bem como as alegrias. Reconhecendo esse permanente conflito e o caráter agônico da vida é que nos tornaremos um “outro” para nós mesmos e para o “outro”, a ser considerado, ouvido, respeitado.

E a amizade, no seu sentido mais profundo e original- *philia* -, pode ser tomada como uma disposição, um sentimento, uma paixão e também uma ação mais decidida na direção de mim mesmo e do outro. E, por isso, ela tem a ver com a ética e, por consequência, com a educação e a prática pedagógica que ocorre na sala de aula.

Entretanto, quando defendemos a sala de aula como espaço de encontro – um espaço ético - queremos dizer que as relações que brotam ali não podem se basear em um compartilhamento uniformizado dos mesmos desejos e da mesma forma de pensar, onde alunos e professores se ligam apenas pelo anseio de atingir a perfeição, a estabilidade e a segurança. A sala de aula é um lugar revestido de um caráter agônico e antagônico, o que quer dizer que se faz necessário o cultivo do “ethos da distância”, em que o principal objetivo seria inserir uma distância nas relações. Isso não significa renunciar a elas e sim deixar de construir uma ligação narcisista em que o outro apenas mantém e fortalece cada vez mais nossa identidade. (ORTEGA, 2004). Nesse sentido, a sala de aula torna-se o espaço de encontro das multiplicidades, onde o desejo de conhecer e experimentar o “novo”, o que está por vir, se reveste de uma “dialeticidade” permanente.



Embora consideremos a sala de aula como espaço ético, no sentido que foi exposto até agora, é costume tomá-la como um “momento privilegiado em que se processam o ensino e a aprendizagem, confronto de ideias entre professor e aluno, entre alunos e alunos, busca do aprimoramento de técnicas para maior *racionalização da transmissão de conteúdos*.” (NOVASKI, 1995, p.11. Grifo nosso). Mas, o que quero chamar a atenção é que se, mesmo tradicionalmente são utilizados como campos inerentes ao ato pedagógico, o ensino e a aprendizagem constituem ocasiões tensas, inquietantes, apaixonantes que, bem examinadas, são fontes de momentos importantes e até desejáveis para criarmos maneiras novas de relações existenciais.

Aí – na sala de aula - não se dá apenas a relação professor-conhecimento-aluno, ou melhor, uma relação epistemológica. Há movimentos e movimentações nesse processo, isto é, somos levados de um lugar e de situações para outros, o que exige que estejamos abertos a aumentar as nossas experiências e vivências, configurando “um processo de ensino-aprendizado realmente humano.” (NOVASKI, 1995, p.11). Esse humano é marcado pela vulnerabilidade e pelo imponderável, que não é pré-determinado e não pode conhecer e conceber a prioristicamente o que virá pela frente, devendo enfrentar as incertezas, as dúvidas e o caráter precário do existir.

Desse ponto de vista, à sala de aula cabe tornar-se um lugar de encontros que levem em conta as mais diversas, variadas e contraditórias perspectivas e expectativas que nos formam. As pessoas entram ali, constroem relações, momentos nos quais os interlocutores experienciam perspectivas em uma troca permanente de conteúdos, onde as conversas produzem e fazem surgir e acumular informações enriquecedoras. “Como são infundáveis as perspectivas desde as quais um assunto pode ser abordado, vemos aí então que a aprendizagem não termina nunca, o que torna perigosa, diria mesmo ridícula, a postura de quem se acha o dono do saber.” (NOVASKI, 1995, p. 12).

Sendo otimista, mas não iludidos, a escola pode tornar-se um espaço onde as pessoas se aproximem, construindo momentos privilegiados de encontros movidos e originados por sentimentos e paixões que nos levem a dignificar as nossas existências. Mas é verdade também que ela pode - e geralmente o faz -, afastar as pessoas das pessoas, o



que muitas vezes pode estar despertando outros tipos de paixões que, se não tivermos bem educados para lidar com elas, podem nos levar à violência no âmbito escolar. Talvez seja por aí que possamos compreender alguns fatos que efetivamente ocorrem na ou a partir da escola.

Um pequeno exercício de reflexão pode nos ajudar. Como foram e são as nossas relações na sala de aula? Quanto tempo demora a se estabelecer – quando se estabelece – um convívio mais próximo entre aluno-aluno e aluno-professor-aluno? De antemão, é preciso levar em conta que o ensinar-aprender do homem não se realiza só como interioridade, como cognição em que conceitos, valores e teorias são assimilados. É também importante se aproximar daquilo que está perto de nós, isto é, o Outro, que pode dar sentido a uma vida diferente de mim. É preciso ponderar que “todas as vicissitudes humanas perpassam de ponta a ponta nesse espaço e tempo, vicissitudes que podem ser traduzidas em conflitos, alegrias, expectativas mal ou nunca satisfeitas, recalques, exibicionismo, esperanças, avanços e retrocessos, enfim, tudo o que é humano.” (NOVASKI, 1995, p. 14). Portanto, o professor como também o aluno deveriam estar atentos para responder aos apelos – nem sempre verbais - que emergem no ambiente da sala de aula. Essa responsabilidade significa que eles devem ir além dos conteúdos, transportar-se para além da sala de aula, reconhecendo os limites, a finitude, a complexidade e a fragilidade humana. Não somos algo dado e acabado.

A relação em sala de aula é muitas vezes apresentada como uma relação que se marca e se define pela alteridade; pela forma de compreensão, de percepção e de recebimento da alteridade. É preciso reconhecer isso. Todavia, se não sabemos ou se não somos capazes de reconhecer se essa direção, ou mesmo se essa descrição da sala de aula, como um espaço relacional a envolver fundamentalmente a condição diferenciada e diferenciadora da alteridade, é realmente a mais adequada, que pelo menos a coloquemos em nosso horizonte educacional.

A importância de se considerar a presença e de mediar o conhecimento e o aprendizado pelo outro, a partir da sala de aula, pode contribuir na criação de uma convivência social de outro nível que, sem atribuir à escola o papel de redentora da sociedade, pode



favorecer transformações significativas em nossas atitudes. O esperado, portanto, é que se aponte para a importância central do outro, inclusive para o estabelecimento efetivo de um processo de construção cognitiva, processo este que, sem a presença do outro, permanece parcial, precário, ou até mesmo irrealizado. Para essa nova experiência, podemos colocar o tema da amizade em nossas perspectivas educacionais, no sentido de despertar e manifestar desejos, sentimentos, paixões e disposições jamais vividos, pensados e ditos.

A amizade: a ética na sala de aula e na prática pedagógica

As reflexões que trouxemos neste trabalho tiveram como objetivo dividir algumas inquietações sobre relações humanas, ética e amizade, tendo como pano de fundo a sua repercussão na educação, em especial na prática pedagógica experimentada na sala de aula. Ou seja, compartilhar e expor elementos que possam contribuir para pensarmos alternativas que enfrentem as agruras e os dramas que estão latentes no ambiente escolar, pois as saídas que muitas vezes se apresentam ou são apresentadas pretendem resolver a situação a partir de uma perspectiva demasiadamente esperançosa, desumanizando o humano que há em nós, com nossas paixões e sentimentos, criando uma expectativa de relações harmônicas entre os humanos, em direção a um mundo sem discórdia e sem conflitos ou que pelo menos nos preservaria de uma guerra declarada de todos contra todos.

O filósofo pré-socrático Heráclito nos auxilia a pensar e, quiçá, agir de maneira diferente. Para ele, “o conflito é o pai de todas as coisas: de alguns faz homens; de alguns, escravos; de alguns, homens livres.” (HERÁCLITO, 1989, p. 56). Isto significa que a realidade não é e nem poderia ser vista e compreendida sem levarmos em conta o combate que há entre forças antagônicas e complementares nela existentes. Em seus textos aforismáticos, Heráclito enfatiza o caráter mutável da realidade, considerando o mundo – o *kósmos* - como sendo um “fogo eternamente vivo; que se acende com medida e se apaga com medida”. Todas as dimensões da existência – o físico, o biológico, o psicológico, o político e o moral -, com suas tensões e mudanças, seriam regidas por um



logos que, considerado uma unidade fundamental de todas as coisas, baseia-se em uma harmonia oculta de forças opostas.

A Razão [*logos*] consistiria precisamente na unidade profunda que as oposições aparentes ocultam e sugerem: os contrários, em todos os níveis da realidade, seriam aspectos inerentes a essa unidade. Não se trata, pois, de opor o Um ao Múltiplo [...]: o Um penetra o Múltiplo e a multiplicidade é apenas uma forma da unidade, ou melhor, a própria unidade. (HERÁCLITO, 1989, p. XXIII).

A perspectiva heraclitiana nos permite propor uma posição e uma leitura que olha e vê o mundo em permanente modificação, fluindo e refluindo como o ritmo das brônzeas batidas de um badalo em um sino, como comenta Nietzsche (HERÁCLITO, 1989, p. 75). Não haveria um ser em geral, uma essência das coisas ou uma terra firme, mas um permanente vir a ser.

Um vir-a-ser e perecer, um construir e destruir, sem nenhum discernimento moral, ternamente na mesma inocência, tem, neste mundo, somente o jogo do artista e da criança. E assim joga a criança e o artista, joga o fogo eternamente vivo, constrói e destrói, em inocência [...] Transformando-se em água e terra, faz, como uma criança, montes de areia à borda do mar; faz e desmantela; de tempo em tempo começa o jogo de novo. Um instante de saciedade: depois a necessidade o toma de novo, como a necessidade força o artista a criar. [...] O impulso lúdico, que sempre desperta de novo, que chama à vida outros mundos. Às vezes, a criança atira fora seu brinquedo: mas logo recomeça, em humor inocente. (NIETZSCHE In: HERÁCLITO, 1989, p. 79).

Portanto, ao tratarmos ou propormos a amizade como possibilidade de ampliar o horizonte da dimensão ética na escola, temos o objetivo de pensar “outros mundos” para a prática pedagógica, considerando o dinamismo das vidas que ali existem, diferente de um ponto de vista que se pretende único e universal, o que pode nos levar a edificar um ambiente mais parecido com um vale de ossos ressequidos e de sangue coagulados.

Muitas das propostas que se apresentam para a escola, sobretudo quando se pretende resolver os problemas de conflitos e violência, partem de pressupostos cristalizados e definitivos, isto é, de que há culpados e que se precisa sanar e resolver a situação de forma rápida. Passa-se ao largo da ideia de que o ambiente escolar é formado por pessoas, com seus valores e crenças e de que as coisas que ali se passam chegam e se



vão de forma inesperada e imprevisível. São experiências e fatos que fogem ao nosso domínio.

O diálogo, concebido e vivido de forma horizontal, pode abrir a possibilidade de construção de um espaço em que as relações humanas tomem a amizade como fonte inspiradora e, com isso, transformem as barreiras das inevitáveis diferenças entre, por exemplo, professores e alunos, tão insignificantes que os problemas acabam fluindo de forma positiva e significativa.

Nessa expectativa, o jogo ético da relação social é evidente e, por isso, exige habilidade para uma possível experiência da amizade. Para tanto,

é necessário deixar de ser professor para poder sê-lo. Isto significa obrigatoriamente que toda relação social [...] implica um elemento que une, que é a amizade. Este elemento fundamental é o sentimento de uma cumplicidade, de uma comunidade essencial sobre as coisas mais importantes. Na relação do professor com seus alunos está o fato da partilha de uma certa imagem do que se deve ser alguém, de ter em comum uma forma de sensibilidade e de acolhimento ao outro (VERNANT, 1995, p. 194).

E para que isto aconteça é preciso colocar a ética no horizonte de nossas práticas pedagógicas, pois ser professor e aluno não é apenas se dedicar à dimensão epistemológica. Somos éticos também. Ou seja, pensar a relação entre professor e aluno, na perspectiva da sala de aula, tomando o tema amizade como elemento provocador de reflexão e de novas posturas, pode colaborar na formulação de saídas significativas para a violência e os conflitos que habitam o ambiente escolar. Enfim, mais do que garantir um processo de subjetivação, devemos abrir caminhos para a “intersubjetivação” e penso que a amizade, nos termos aqui discutidos, pode contribuir para essa experiência. E com isso, talvez o encontro aconteça.



Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo : Nova Cultural, 1987. (Os pensadores, v. 2)

CHAUÍ, Marilena. *Introdução à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. São Paulo : Cia. das Letras, 2002.

DUSSEL, Inês; CARUSO, Marcelo. *A invenção da sala de aula: uma genealogia das formas de ensinar*. São Paulo : Moderna, 2003.

HERÁCLITO In: *Os pré-socráticos*. São Paulo : Nova Cultural, 1989 (Os Pensadores).

NOVASKI, Augusto João Crema. Sala de aula: uma aprendizagem do humano. In: MORAES, Regis (org.). *Sala de aula: que espaço é esse?* Campinas: Papirus, 1995, pp. 11-15.

ORTEGA, Francisco. Por uma ética e uma política da amizade. In: MIRANDA, Danilo. S. (org.). *Ética e Cultura*. São Paulo : Perspectiva, 2004, pp. 145-156.

RAMOS, Cesar Augusto. Ética e política em Aristóteles. In: CANDIOTTO, Cesar (org.). *Ética: abordagens e perspectivas*. Curitiba : Champagnat, 2011, pp. 29-50.

ROBSON, A. S.; INFORSATO, E. C. Aula: o ato pedagógico em si. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. *Caderno de Formação: formação de professores didática geral*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 80-85, v. 9.

VERNANT, Jean-Pierre. Tisser l'amitié In: JANKÉLÉVITCH, Sophie et OGILVIE, Bertrand. *L'amitié : dans sons harmonie, dans ses dissonances*. Paris : Autrement, 1995, pp. 188-202.